

Lição 14: Problemas sobre a natureza daquilo pelo qual algo cresce

97. Após discutir o crescimento do ponto de vista daquilo que cresce, o Filósofo aqui investiga aquilo pelo qual algo cresce.

Primeiro ele declara sua intenção [98] e diz que, uma vez que é da noção de crescimento que haja um acréscimo de magnitude, o que pareceria ser mais apropriadamente tratado na presente investigação, por ser mais difícil e oferecer algum início para a questão, seria investigar a natureza daquilo pelo qual algo cresce ou diminui, de modo a encontrar causas apropriadas para o crescimento e a diminuição.

Em segundo lugar [99], ele prossegue sua investigação: Primeiro, ele apresenta a questão principal; Em segundo lugar, no curso desta investigação, ele propõe outra questão, em 102; Em terceiro lugar, ele resolve a questão principal (L. 15).

Sobre a primeira, ele faz três coisas: Primeiro, ele propõe duas suposições; Em segundo lugar, ele levanta a dúvida, em 99; Em terceiro lugar, ele exclui uma objeção, em 100.

98. A primeira suposição que ele propõe, portanto, [99] é esta: Quando algo cresce, cada parte dele cresce; da mesma forma, na diminuição, cada parte daquilo que é diminuído parece ter se tornado menor. A razão para isso é aparente a partir do que é dito na Física V. Pois aquilo cuja parte está sendo movida diz-se que é movido em relação a uma parte e não absolutamente, como, por exemplo, um homem cuja mão foi ferida é dito ferido em relação a uma parte.

Mas para que uma coisa seja movida ou alterada absolutamente, é necessário que cada e toda parte seja movida. Isso também deve ser observado no crescimento e em todos os outros movimentos, como nossos sentidos testemunham.

A segunda suposição é que tudo o que cresce, cresce em razão de algo que lhe é adicionado; da mesma forma, algo é diminuído em razão de algo que o abandona. A razão para isso é que as coisas devem ser reduzidas ao ato por algo já em ato. Portanto, aquilo que está em potência para uma quantidade maior é levado ao ato dessa quantidade por algo que tem essa quantidade em ato. E isso é o que é adicionado à coisa que cresce.

99. Então [100] ele apresenta a dificuldade que decorre dessas duas suposições. Pois, se cada parte de uma coisa que cresce tem que crescer e todo crescimento é produzido pela adição de

algo, então algo tem que ser adicionado a cada e toda parte da coisa que cresce. Portanto, o que é adicionado, pelo qual se diz que algo cresce, tem que ser ou incorpóreo ou corpóreo. Se for dito ser incorpóreo, então segue-se que o "substrato" comum de todas as coisas geráveis e corruptíveis, ou seja, a matéria primeira, existe separado de toda quantidade corpórea. Mas, como foi mostrado acima, é impossível para a matéria ser separada da magnitude. Consequentemente, aquilo pelo qual algo cresce não pode ser incorpóreo. Além disso, se fosse incorpóreo, não seria quantificado em ato e, consequentemente, não tornaria maior em quantidade a coisa à qual fosse adicionado.

Por outro lado, se aquilo por cuja adição algo cresce for dito corpóreo, seguir-se-ia que dois corpos ocupariam o mesmo lugar ao mesmo tempo, a saber, o corpo que é aumentado e o corpo adicionado que faz o aumento. Pois não se pode sustentar que o corpo aumentado e o corpo que aumenta são colocados separadamente lado a lado, porque a adição deve ser feita a cada e toda parte do corpo aumentado, como decorre das suposições acima. Mas isso também é impossível, ou seja, que dois corpos ocupem o mesmo lugar ao mesmo tempo. Consequentemente, uma impossibilidade decorre de ambas as alternativas.

100. Então [101] ele rejeita uma certa solução. Pois alguém poderia dizer que o crescimento ocorre sem que nada seja adicionado, assim como, quando o ar é gerado a partir da água, parece haver um certo crescimento, uma vez que uma quantidade maior é produzida. Mas não é dessa forma que o crescimento e a diminuição ocorrem. Pois tal mudança [como a mencionada no exemplo] não é crescimento. É antes a geração daquilo no qual a mudança é feita, ou seja, o ar, e a corrupção daquilo que é mudado, ou seja, a água, que é contrária ao ar, pela contrariedade, a saber, de frio e calor. Não pode, portanto, ser chamado de crescimento nem do ar nem da água.

Mas, se não é crescimento de nenhum dos dois, será talvez crescimento daquilo que é comum a ambos (se é que existe algo assim), como, por exemplo, do corpo, que parece ser comum ao ar e à água, de modo que se poderia dizer que nem a água nem o ar cresceram, já que a água foi corrompida e o ar foi gerado, mas que é o corpo que cresce, se algo ali cresceu. Mas isso é impossível. Pois, para que algo seja dito crescer, devem ser consideradas aquelas coisas que pertencem ao que cresce e diminui. São três.

A primeira delas, que também foi posta acima, é que cada parte da magnitude que cresce deve tornar-se maior — por exemplo, se a carne aumenta, cada parte deve tornar-se maior. Em segundo lugar, como também foi posto acima, a coisa deve crescer pela adição de algo. O terceiro requisito é algo que ele agora põe pela primeira vez: que a coisa aumentada seja preservada e permaneça em seu ser. Pois, como a geração e a corrupção são mudanças com respeito à substância, quando uma coisa é gerada ou corrompida absolutamente, sua substância não permanece. Mas outras mudanças não são com respeito à substância, mas com respeito às coisas que ocorrem à substância — por exemplo, mudanças quanto à quantidade ou qualidade. Portanto, quando algo é alterado, ou cresce ou diminui, aquilo que cresce ou é alterado permanece o mesmo em número quanto à substância, mas "aqui", isto é, na alteração, a paixão não permanece a mesma, e "aqui", isto é, no crescimento e decréscimo, a magnitude não permanece a mesma, mas torna-se maior ou menor. Se, portanto, a referida mudança, pela qual a partir da água se produz ar, fosse crescimento, duas coisas contrárias às suposições mencionadas se seguiriam.

Primeiramente, algo cresceria sem que nada lhe fosse acrescentado e diminuiria sem que nada saísse. A outra é que aquilo que cresce não permanece, pois nem a água permanece nem o corpo, que parece ser comum, permanece o mesmo em número. Por isso, ele disse acima propositadamente: "Se é que existe algo assim comum" — já que, na verdade, nada que seja ente em ato, permanecendo o mesmo em número quanto à substância, é comum ao que é corrompido e gerado. Mas é necessário que as suposições mencionadas sejam consideradas em tudo que cresce — supondo-se, à maneira de um princípio, que o crescimento é uma mudança do tipo que foi declarado acima.

101. Mas nada parece impedir que algo cresça sem que nada lhe seja acrescentado. Pois, no livro IV da Física, o Filósofo prova que, assim como uma coisa se torna mais branca não pela adição de outro branco a ela, mas pela intensificação da brancura anterior, isto é, pela redução do sujeito a um estado de brancura mais perfeita, assim também algo pode tornar-se maior sem a adição de algum corpo dotado de magnitude, através da matéria, que antes estava sujeita a dimensões pequenas, sendo depois sujeitada a dimensões grandes. Pois a mesma coisa é sujeito do grande e do pequeno e do branco e do preto. E isso é claramente aparente na rarefação, pois a rarefação ocorre não apenas quando há mudança de espécie, como quando o ar é gerado a partir da água, sobre o que Aristóteles fala aqui, mas também quando a mesma espécie permanece, como quando o ar é rarefeito ou condensado.

No entanto, deve-se responder que tal mudança não pode ser propriamente chamada de "crescimento", mas é alteração. Pois ocorre em termos de uma mudança das qualidades passíveis, isto é, da rarefação e densidade, com uma variação da quantidade sendo consequente a isso — assim como, quando, como resultado de um movimento com respeito ao lugar, há uma mudança no movimento segundo a direita ou a esquerda; isso, no entanto, não é referido como um movimento segundo a posição — já que a mudança de posição é consequente à mudança de lugar.

102. Em seguida [102], antes de resolver a dificuldade mencionada, ele levanta outra questão. Primeiro, propõe a questão; Em segundo lugar, resolve-a, a partir de 103.

Diz, portanto, primeiro [102] que, como uma coisa cresce pela adição de algo, permanece a questão sobre o que é que é aumentado: se apenas aquilo a que algo é adicionado, mas não o que é adicionado, ou se ambos são aumentados. Por exemplo, se algo, a saber, alimento, é adicionado à perna de um animal, a perna cresce e torna-se maior enquanto o alimento que é trazido e adicionado não cresce, mas causa o crescimento? Por que ambos não cresceram? Pois ambos se tornam maiores, tanto o que é adicionado quanto aquilo a que é adicionado, assim como, quando a água é misturada com vinho, ambos são vistos como aumentados, porque ambos se tornam maiores da mesma maneira.

103. Então, em [103], ele responde a esta questão à luz do que foi estabelecido acima, a saber, que a coisa que cresce deve permanecer a mesma em substância. Portanto, diz-se que um é aumentado e o outro não, porque a substância "daquilo", a saber, a perna, à qual a adição é feita, permanece, enquanto a substância do que é adicionado, a saber, o alimento, não permanece — pois o alimento é convertido na substância do que é nutrido e aumentado. Mas, porque na objeção foi feita menção a uma mistura, ele mostra que o mesmo é verdadeiro numa mistura. Pois aquilo cuja substância permanece é dito ser dominante na mistura — assim como dizemos algo ser vinho,

quando apenas um pouco de água é adicionada a muito vinho. E isso aparece pela operação própria, que é um sinal evidente da espécie — pois toda a mistura realiza a operação do vinho, isto é, aquecendo e dando força, e não faz o trabalho da água. Uma situação semelhante ocorre na alteração: pois se a carne permanece em sua substância e "aquilo que algo é", i.e., sua essência ou espécie, e alguma paixão, do número dos acidentes por si, ocorre a ela, que antes não estava presente, aquilo que permanece é dito ser alterado. Similarmente, aquilo que cresce deve permanecer.

Mas aquilo pelo qual algo é alterado, a saber, aquilo que altera, às vezes não sofre nenhuma mudança, nem em qualidade nem em substância, como ocorre nas coisas que agem e não sofrem, tais como os corpos celestes; mas às vezes aquilo que altera sofre e é mudado, como ocorre nos corpos inferiores, que mutuamente agem e sofrem, como será manifesto mais tarde. No entanto, no movimento de crescimento, a potência alterante, e aquilo que é o ponto de partida do movimento, está por parte daquilo que cresce — o qual, contudo, altera de uma maneira que também envolve sua própria alteração. Pois, nas coisas que crescem, existe um princípio do movimento de crescimento, a saber, para alterar e converter o alimento que é adicionado. Se assim não fosse, o alimento que entra no corpo seria gerado maior e tomaria para sua natureza o corpo no qual estava entrando — como, por exemplo, quando o espírito, i.e., o ar, entra numa bexiga e a torna maior, ou quando o "espírito", i.e., uma alma, entra num corpo e o conforma a si mesmo. Mas não é isso que acontece. Antes, o alimento entra no corpo e, após ser sofrido pelo corpo do animal, é convertido no corpo do animal; e a fonte originativa dessa mudança não está no que é adicionado, mas naquilo a que a adição é feita.

Lição 15: Solução da dificuldade proposta na lição anterior

104. Após levantar uma questão sobre aquilo pelo qual algo é aumentado, e resolver esta questão, que ele havia interposto, o Filósofo aqui empreende resolver a questão principal.

Primeiro, resolve a questão; Em segundo lugar, removida a dificuldade, mostra como ocorre o crescimento (L. 16).

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, mostra o que é requerido na solução;

Segundamente, ele apresenta a solução, no [105].

Uma verdadeira solução deve preservar tudo o que pertence à noção da coisa em questão e excluir todas as impossibilidades. Consequentemente, ele primeiro mostra como pretende salvar tudo o que pertence à noção de crescimento [1043]. E ele diz que, uma vez que já demos atenção suficiente ao que foi dito anteriormente, é hora de "tentar", isto é, aplicar esforço, para encontrar uma solução para nossa questão que preserve as três coisas mencionadas acima sobre a noção de crescimento.

A primeira delas é que a coisa aumentada permaneça; a segunda é que o crescimento ocorra por meio de algo que vem, e a diminuição por meio de algo que se vai; a terceira é que cada "sinal sensível", isto é, cada parte perceptível, do que cresce, torne-se maior no caso do crescimento e menor no caso da diminuição.

Segundamente, ele mostra como pretende evitar três impossibilidades: primeiro, que não postulemos que o corpo que cresce seja vazio; segundo, que não postulemos duas "grandezas", isto é, dois corpos, no mesmo lugar; terceiro, que não postulemos que o crescimento ocorra pela adição de algo incorpóreo. Pois parece que, após estabelecidas as suposições mencionadas, alguma das impossibilidades necessariamente se seguirá. De fato, se toda parte do que cresce cresce, e nada cresce senão por algo que lhe chega, é necessário que a cada parte do que cresça algo chegue. Se, então, o que chega não é incorpóreo, dois corpos devem estar no mesmo lugar — a menos que se suponha que o corpo que cresce é vazio.

105. Então, em [105], ele resolve a dificuldade. Primeiro, ele estabelece certas coisas necessárias para resolver a questão; Segundo, ele apresenta a solução, em [106].

Quanto ao primeiro, ele propõe duas coisas. Quanto à primeira delas, ele diz que se deve tomar uma causa que preserve as três coisas mencionadas e evite as impossibilidades. Mas devemos fazer isso após primeiro determinar certas coisas. Uma delas é que os "anomómeros", isto é, os membros com partes dissimilares, por exemplo, a mão ou o pé, ou coisas semelhantes, crescem por meio do crescimento de suas respectivas partes similares, que ele chama de "homómeros", como o osso e a carne e outras tais. Ele dá a razão para isso, que é que cada membro das partes dissimilares é composto daquelas coisas que têm partes similares, como, por exemplo, uma mão é composta de carne, osso e tendão. Portanto, o todo deve ser aumentado pelo aumento das partes.

Segundamente, ele postula que a carne e o osso, e cada uma dessas partes que ele diz crescer primeiro, são duplos, como ocorre em todas as coisas que têm uma espécie na matéria: pois a carne e o osso podem ser considerados seja como a matéria ou a carne, seja como a espécie da carne.

Agora, alguns olham para essa afirmação como significando que há uma carne designada que é segundo a matéria e outra que é segundo a espécie. Pois eles dizem que a carne e o osso, e tudo o que é assim, são ditos segundo a espécie na medida em que são gerados a partir da umidade seminal primária na qual estava o poder da espécie, mas a carne e o osso são ditos segundo a matéria na medida em que são gerados a partir da umidade nutritiva. Esta última chega à primeira umidade seminal como uma certa matéria sua, na medida em que a primeira umidade é estendida através dos outros membros, tendo a segunda umidade se misturada a ela, para completar a quantidade do ser vivo e de todas as suas partes. Esta era a visão de Alexandre (como Averróis diz em sua explicação desta passagem), e vários posteriores o seguiram.

Mas tal visão não concorda com as palavras que Aristóteles usa aqui. Pois ele diz que "a carne, o osso e toda parte desse tipo têm uma natureza dupla, como outras coisas cuja forma [espécie] está imersa na matéria". Ora, é claro que não apenas as coisas que são geradas a partir da semente e são nutridas, nas quais o significado mencionado poderia ser de alguma forma sustentado, mas também as coisas inanimadas, como pedras, ouro e prata, têm sua forma imersa

na matéria. Portanto, Aristóteles pretende que "espécie" e "matéria" sejam tomadas na carne e no osso, assim como na pedra e no ouro, nos quais não há umidade seminal e nutritiva. Portanto, deve-se dizer que, segundo a intenção de Aristóteles, uma mesma carne é dita segundo a espécie na medida em que se considera nela o que pertence à espécie da carne, e segundo a matéria na medida em que consideramos nela o que é da matéria. E o mesmo vale para todas as outras coisas compostas de matéria e forma.

106. Então, em [106], ele apresenta a solução: Primeiro, ele a apresenta; Segundamente, ele a manifesta com um exemplo, em [107]; Terceiramente, ele conclui resumindo a solução, em [109].

Ele diz, portanto, primeiro [106] que a afirmação feita acima, a saber, que cada parte do que cresce cresce e que cada coisa cresce pela vinda de algo, é verdadeira se "parte" for considerada do ponto de vista da espécie. Pois a cada parte considerada segundo a espécie, algo é adicionado como a algo permanente. Consequentemente, cada parte considerada sob o aspecto da espécie é aumentada. Mas uma adição não é feita a cada parte considerada segundo a matéria; nem cada parte, considerada segundo a matéria, cresce. Pois foi dito que o que cresce deve permanecer. Mas cada parte considerada segundo a matéria não permanece, mas apenas considerada segundo a espécie.

107. Então, em [107], ele manifesta a solução proposta com exemplos. Primeiro, ele dá os exemplos; Segundamente, ele mostra em quais partes a solução mencionada é mais evidente, em [108].

Portanto, ele diz primeiro [107] que o que foi dito sobre a carne segundo a espécie e segundo a matéria deve ser entendido como se alguém medisse água com a mesma medida, mas de tal modo, contudo, que a água fosse sempre outra e outra — por exemplo, se de um vaso cheio de água, a água fluísse gota a gota e fosse constantemente derramada gota a gota. Sempre será a mesma no que concerne à medida da água, mas não, contudo, quanto à matéria da água. Ora, a espécie é comparada à matéria como a medida ao que é medido, porque a forma é o fim da matéria, como se diz na *Física* II. Portanto, devemos entender que a espécie da carne permanece a mesma, como uma certa medida, mas a matéria na qual tal espécie é recebida não permanece a mesma. O caso de um rio é similar — ele sempre permanece o mesmo no que concerne à espécie de rio, mas a água material é sempre outra e outra. O fogo também é similar — cuja espécie e figura sempre permanecem as mesmas, embora os pedaços de madeira nos quais o fogo queima materialmente sejam consumidos e outros e outros pedaços sejam adicionados. O mesmo também aparece na população de uma cidade, que sempre permanece a mesma quanto ao que é de sua espécie, embora, dos homens que constituem a população, alguns morram e outros tomem seus lugares. De modo semelhante, aquilo que pertence à espécie da carne sempre permanece, embora a matéria na qual essa espécie se baseia seja pouco a pouco consumida pela ação do calor e outra matéria chegue novamente através do alimento.

Assim, portanto, quando um corpo cresce, de fato a matéria da carne também cresce, pois mais é gerado pelo alimento do que é perdido pela ação do calor, e assim, à medida que a matéria é multiplicada, a potência aumentativa, que pertence à espécie, estende proporcionalmente toda a matéria para uma quantidade maior. Contudo, a matéria da carne não é aumentada de tal modo que a cada parte da matéria algo seja adicionado — pois nem toda parte da matéria permanece,

mas alguma se desfaz, tendo sido consumida pelo calor, e alguma chega, tendo sido restaurada pelo alimento. Portanto, não há necessidade de que as coisas sejam aumentadas por algo incorpóreo, nem de que dois corpos estejam no mesmo lugar, nem de que o corpo que cresce seja vazio. Pois, se o que é renovado pelo alimento não excede o que foi consumido pelo calor, a potência natural, que pertence à espécie, restaura o que chega no lugar daquilo que foi perdido. Mas, se o que é gerado do alimento excede, a potência natural o estende para uma quantidade maior segundo alguma dimensão, e assim ocupa um lugar maior. Mas, porque a espécie permanece constante, devemos dizer que algo chega proporcionalmente a cada parte da forma ou espécie e que cada parte é aumentada proporcionalmente. Mas não se segue disso que haja dois corpos no mesmo lugar, porque o lugar não é atribuído à forma ou espécie exceto por causa da matéria na qual ela se baseia e que é propriamente o sujeito da quantidade diminua.

Mas, se alguém entendesse por "carne segundo a espécie" aquilo que é gerado a partir da umidade seminal, e por "carne segundo a matéria" aquilo que é gerado a partir da umidade nutritiva, como Alexandre postulou, então esta afirmação de Aristóteles, a saber, que a carne segundo a matéria flui para fora e entra, mas não a carne segundo a espécie, parece estar mais na natureza de algo provável do que como tendo algum fundamento necessário. Pois, visto que é necessário que ambas as umidades sejam combinadas em uma massa para aperfeiçoar a quantidade do corpo inteiro e de todas as suas partes, não se pode provar com necessidade que o calor consome uma de tal modo que deixa a outra sempre remanescente. Mas não é fácil pensar que Aristóteles em tal matéria afirmaria algo sem uma razão necessária, como Averróis diz em sua exposição desta passagem.

108. Em seguida [108], ele aponta as partes nas quais esta solução é mais evidente. E diz que o que foi afirmado é mais evidente nos "anomoeômeros", i.e., membros que possuem partes dessemelhantes, como a mão, que observamos crescer proporcionalmente — pois a mão inteira e cada dedo e também cada articulação crescem proporcionalmente. A razão é que a distinção entre espécie e matéria é mais clara nesses membros do que na carne e no osso e em outros membros semelhantes. Pois quanto mais próximos os membros estão do todo, mais plenamente recebem a perfeição da forma que é principalmente o ato do todo. Consequentemente, as operações da alma são mais evidentes nos membros cujas partes são dessemelhantes do que naqueles que são semelhantes. E, portanto, embora após a morte (na qual a alma é separada do corpo) não apenas o animal não permaneça, mas nenhuma parte do animal permanece, exceto equivocadamente, como se diz em *Sobre a Alma* II; contudo, a carne e o osso pareceriam permanecer mais após a morte do que a mão ou o braço, nos quais as operações da alma são mais evidentes.

109. Então [109], ele conclui dando um resumo da solução, a saber, que em certo sentido cada parte da carne é aumentada, i.e., se a carne é considerada segundo a espécie; mas em outro sentido cada parte não é aumentada, i.e., se a carne é considerada segundo a matéria.

Lição 16: Como ocorre o crescimento. Sua diferença da

geração.

110. Tendo resolvido as questões que concernem à natureza do crescimento, o Filósofo aqui determina o modo do crescimento. Primeiro, ele determina como o crescimento ocorre; Segundo, como ocorre a diminuição (final de L. 17).

Sobre o primeiro ele faz duas coisas: Primeiro, ele mostra como aquilo que vem se relaciona com aquilo que é aumentado por sua vinda; Segundo, ele compara o crescimento às outras operações da alma vegetativa, em 111.

Ele diz, portanto, primeiro [110] que, após resolver a questão das partes daquilo que cresce, a saber, se cada parte cresce ou não, agora é evidente que o todo se torna maior como resultado de algo que lhe chega — por exemplo, o alimento. Ora, embora aquilo que chega seja no início contrário àquilo a que chega, contudo, mais tarde é convertido na mesma espécie. Por exemplo, se algo originalmente úmido chega ao que é seco, é mudado e tornado seco. Consequentemente, é em certo sentido verdadeiro dizer que o semelhante é aumentado pelo semelhante; mas também é em certo sentido verdadeiro dizer que algo é aumentado pelo dessemelhante. Pois aquilo pelo qual algo é aumentado é no início dessemelhante, mas no final semelhante, como foi dito.

111. Então [111], ele compara o crescimento com as outras operações da alma, cujas operações são três, como é afirmado em *Sobre a Alma* II, a saber, geração, nutrição e crescimento. Primeiro, portanto, ele compara o crescimento à geração; Segundo, à nutrição (L. 17).

Sobre o primeiro ele faz duas coisas: Primeiro, ele mostra como o crescimento e a geração são semelhantes;

Em segundo lugar, como diferem, no [112].

Portanto [111], ele pergunta, a respeito do primeiro, "de que tipo", i.e., de que forma, deve ser aquilo pelo qual algo é aumentado. E conclui que é evidente, a partir do que foi dito, que aquilo pelo qual algo é aumentado está em potência para o que é aumentado; por exemplo, se a carne é o que é aumentado, aquilo pelo qual é aumentado deve ser carne em potência, porque, como foi dito acima, aquilo pelo qual é aumentado deve ser dessemelhante no início, mas semelhante no fim. E como nada está em potência para uma coisa sem ser outra coisa em ato, então aquilo pelo qual a carne é aumentada e que está em potência para a carne deve ser, em ato, algo diferente da carne, por exemplo, pão. Mas o que é algo em ato não se torna algo diferente senão pela corrupção do anterior e pela geração do posterior. Portanto, o crescimento deve ocorrer após a corrupção daquilo que existia anteriormente em ato, por exemplo, pão, e a geração daquilo que cresce, por exemplo, carne. Assim, é evidente que, de alguma forma, a geração concorre para o crescimento.

112. Em seguida [112], ele mostra como o crescimento e a geração diferem. E diz que, como o crescimento envolve uma certa geração de carne, mas o crescimento é diferente da geração, segue-se que não há geração de uma coisa "segundo si mesma", i.e., separadamente, quando algo é assim gerado (pois isso a tornaria geração e não crescimento). Antes, a carne deve ser gerada na

carne que cresce. Consequentemente, aquilo que se torna carne na coisa que cresce sofre, na medida em que é tornado semelhante ao que é aumentado, e por meio disso, a saber, do que sofreu e foi mudado, aquilo ao qual é adicionado, ou o composto inteiro, é aumentado. Uma situação semelhante ocorre quando água é derramada em vinho preexistente, de modo que o vinho, por seu poder, é capaz de converter a água adicionada em sua própria natureza; nesse caso, diz-se que há um aumento de vinho, mas não geração. Mas quando algum líquido é convertido em vinho segundo si mesmo, por exemplo, o suco de uvas, então há geração de vinho.

Ele dá outro exemplo, o do fogo que queima material combustível adicionado a ele. Pois é isso que acontece em uma coisa que cresce, que é carne em ato, e cujo poder aumentativo torna aquilo que vem, e que é carne em potência, carne em ato — de tal modo, no entanto, que seja com a carne preexistente. Pois se, a partir de algo potencialmente carne, a carne fosse produzida separadamente, haveria geração de carne, não crescimento. Isso é o que acontece quando, pelo poder da semente, o sangue menstrual é transformado em carne. Isso também acontece no caso do fogo: às vezes, pedaços de madeira são incendiados ao serem adicionados a um fogo já existente — e isso é um aumento de fogo; mas, às vezes, os pedaços de madeira são incendiados separadamente, não adicionados a outros pedaços em chamas — então há geração.

Lição 17: Comparação do crescimento com o alimento. Como ocorre a diminuição

113. Após comparar o crescimento com a geração, o Filósofo aqui compara o crescimento com o alimento. Primeiro, mostra como o que cresce se relaciona com o que nutre; Em segundo lugar, como o crescimento se relaciona com a nutrição, no [117].

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, mostra qual é a natureza do que é aumentado, a saber, que é algo quantificado. E diz [113] que não se gera ou produz um quantum universal, como também não se gera um animal universal ou um homem universal ou "qualquer um dos singulares", i.e., qualquer uma das espécies singulares — por exemplo, nem um leão universal, nem um boi universal. Mas assim como o universal é gerado nestes, a saber, em algum indivíduo — por exemplo, quando este animal ou este homem é gerado —, também aqui, i.e., no crescimento, um quantum é gerado, não no universal, mas em algo determinado, como quando se produz uma certa quantidade de carne ou osso ou mão e coisas semelhantes.

114. Em segundo lugar, no [114], ele mostra o que é que causa o aumento — pois o aumento ocorre pelo acréscimo de algo, como foi dito acima. Mas se pelo crescimento fosse produzida quantidade de modo universal, a coisa que acresce teria que ser quantificada em potência e de

nenhum modo em ato. Mas porque não se gera quantidade de modo universal, e sim esta coisa quantificada — por exemplo, carne —, a coisa que acresce tem que ser algo quantificado em ato, mas, no entanto, não carne quantificada, exceto potencialmente.

115. Em terceiro lugar [115], ele conclui a diferença entre o que aumenta e o que nutre. Primeiro, estabelece a diferença e diz que, na medida em que a coisa que acresce está em potência para ambos — por exemplo, para ser uma "quantidade de carne", de modo que não seja apenas capaz de receber a espécie de carne, mas também de ser estendida a uma quantidade maior —, nesse aspecto ela aumenta. Pois, para que ocorra o crescimento, deve ser produzida tanto quantidade (de modo a, a saber, produzir uma quantidade maior) quanto carne (já que a coisa que acresce deve se tornar "semelhante" no fim, como foi dito acima). Mas na medida em que a coisa que acresce está em potência apenas para se tornar carne, nesse aspecto ela nutre. Assim, alimento e crescimento diferem segundo a noção: pois o alimento nutre na medida em que é convertido em carne, mas na medida em que assume uma quantidade maior, i.e., a produz na coisa nutrida, ele aumenta.

116. Em segundo lugar [116], ele enuncia um certo corolário que decorre do que foi dito, a saber, que uma coisa é nutrida "enquanto é preservada", i.e., enquanto é mantida viva. Pois é sempre necessário restaurar pela nutrição aquilo que é continuamente perdido — isto é, o que diminui tem que ser nutrido. Mas um animal não está sempre crescendo, mas apenas enquanto o alimento convertido em carne pode ser estendido a uma quantidade maior.

117. Em seguida [117], ele mostra a diferença entre crescimento e nutrição. E diz que nutrição é a mesma coisa que crescimento, mas diferem no ser — como se dissesse: são as mesmas quanto ao sujeito, mas diferem quanto à noção. Pois na medida em que a coisa que acresce está em potência para ambos, i.e., para quantidade e para carne, nesse aspecto há crescimento de carne; mas na medida em que está em potência apenas para carne, é nutrição ou alimento, como foi explicado acima.

118. Em seguida [118], ele mostra como ocorre a diminuição. E para entender melhor o que aqui é dito, devemos refletir que o poder da espécie é diferente nos seres vivos que são propriamente nutridos e crescem, e nas coisas sem vida que não são nem nutridas nem crescem. Pois os corpos vivos movem a si mesmos não apenas quanto ao movimento local, mas também quanto ao movimento de alteração, como quando um animal é curado naturalmente, e quanto aos movimentos de crescimento e geração, especialmente no sentido em que a nutrição é uma certa geração, como foi dito acima, na medida, a saber, em que, embora a carne não seja gerada em si mesma, ela é gerada na carne já existente.

Ora, tudo o que move a si mesmo é, como foi provado na Física VIII, dividido em dois: um dos quais é o motor, e o outro é o movido. Consequentemente, é necessário que em um ser vivo haja algo movido, a saber, tudo o que é convertido na natureza da espécie; e algo movente, a saber, o poder da espécie, que faz a conversão. Isso explica por que a virtude da espécie nos seres vivos não se apropria de uma certa matéria designada, já que uma parte flui para fora e outra chega, como foi dito acima. Contudo, a virtude da espécie não pode existir sem nenhuma matéria, mas indeterminadamente nisto ou naquilo, já que, como foi provado na Metafísica VII, a virtude da coisa que gera é uma forma existente nesta carne e nestes ossos.

Agora, nos seres inanimados, não se encontra tal condição, exceto talvez na medida em que neles há alguma semelhança de crescimento e nutrição, como, por exemplo, no fogo e no vinho, devido à eficácia de seu poder ativo. Portanto, a virtude da espécie na carne ou em qualquer coisa semelhante, na medida em que não designa para si qualquer matéria signada, mas ora se preserva nisto, ora naquilo, é como uma certa espécie imaterial.

Isto, portanto, é o que o Filósofo aqui mostra, a saber, que "isto", isto é, a virtude da espécie de carne, é uma espécie sem matéria, como se fosse uma certa potência imaterial no aspecto de que não determina para si matéria signada. No entanto, está sempre em alguma matéria.

O que foi dito aplica-se também a qualquer outro órgão, como osso ou tendão e qualquer coisa semelhante. Consequentemente, se sobrevier alguma matéria que esteja em potência não apenas para esta espécie que é, de certo modo, imaterial, mas também para maior quantidade, então haverá "maiores imaterialidades", ou seja, as virtudes das espécies que existem na carne, no osso e assim por diante são estendidas a uma maior quantidade.

Mas isso não pode ocorrer sempre: pois a virtude da espécie se enfraquece (já que está presente numa matéria sujeita à contrariedade), agindo e sendo afetada continuamente, e pela adição de matéria estranha que não recebe a virtude da espécie tão perfeitamente quanto antes. Consequentemente, quando a virtude da espécie não pode mais fazer isto, isto é, converter, do alimento que está em potência, não apenas tanto quanto é necessário para a espécie e uma quantidade maior, mas nem mesmo tanto quanto é necessário para uma quantidade igual, então ocorre uma diminuição de quantidade, embora a virtude da espécie ainda seja preservada na quantidade menor. Mas por fim até a espécie cessa, assim como, se mais e mais água for misturada com vinho, tornar-se-á vinho aguado, e então finalmente o vinho será corrompido, e haverá inteiramente água.

Revision #2

Created 3 October 2026 21:46:30 by Admin

Updated 3 October 2026 21:49:55 by Admin